

SINONÍMIA E PARÁFRASE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE DADOS DO ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL - ALERS

Felício Wessling Margotti *

Resumo: Apresentamos, neste texto, algumas contribuições para o estudo da sinonímia e da paráfrase, a partir de um ponto de vista onomasiológico. Se, de um lado, renunciamos à idéia de caracterizar a paráfrase como relação de identidade semântica (sinonímia absoluta), por outro lado, reconhecemos a possibilidade de apreensão da equivalência semântica. Com base em dados empíricos fornecidos pelo *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*, demonstramos que não é possível pensar a sinonímia fora do contexto em que as palavras são empregadas, que a sinonímia é gradual e que a escolha de uma ou de outra estrutura parafrástica nunca é aleatória.

PALAVRAS-CHAVE: Sinonímia, paráfrase, significação, semântica.

* Professor de Língua Portuguesa e de Lingüística de Universidade Federal de Santa Catarina, membro da equipes de pesquisadores do ALERS (Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wfelicio@cce.ufsc.br.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta exposição é apresentar algumas contribuições para o estudo da sinonímia e da paráfrase, com considerações pinçadas a partir de um ponto de vista onomasiológico.¹ Essas considerações visam a um estudo exploratório e reflexivo com dados empíricos fornecidos pelas *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS* (2002).

A compreensão de uma língua implica que seja possível estabelecer correspondências entre enunciados dessa mesma língua, os quais, no caso, serão considerados como sinônimos, como semanticamente equivalentes (pelo menos em certas perspectivas). Em outras palavras, isto quer dizer que os significados veiculados pelos enunciados podem ser parafraseados, isto é, traduzidos por outros enunciados da mesma língua. Nesse sentido, a descrição de uma língua comporta essencialmente a construção de um algoritmo parafrástico que permite, a partir de um enunciado, o conjunto das paráfrases possíveis.²

Em princípio, reservaremos o termo *sinônimo* para caracterizar a equivalência semântica entre pares de palavras (e.g. *barragem = represa; várzea = vargem = alagadiço, canhada = baixada* etc.) e *paráfrase* para a equivalência semântica entre frases (e.g. *Meu vizinho construiu uma taipa de pedra = Uma taipa de pedra foi construída por meu vizinho; Um furacão destruiu várias casas em Bom Jesus = Um vendaval destruiu várias residências em Bom Jesus = Diversas casas foram destruídas em Bom Jesus por um vendaval; Diferenciar uma brisa de um minuano é fácil = A diferenciação entre a brisa e o minuano é fácil* etc.).

Todavia, devemos considerar que a caracterização da paráfrase como equivalência semântica constitui uma contradição uma vez que nem sempre há consenso entre os interlocutores sobre o que é “mesmo” sentido e “outro” sentido, em função do contexto e da situação. “Certas seqüências que são percebidas ou

¹ De acordo com Dubois *et alii* (1978, p. 441), “a onomasiologia é o estudo sistemático das designações; ela parte do conceito e busca signos lingüísticos que lhe correspondem”. Diz-se do “estudo das expressões de que dispõe uma língua para traduzir determinada noção, e que parte, pois, do significado para estudar o significante” (FERREIRA, 1975, p. 999).

² Para Chomsky (1978 [1965], p. 61), o estudo da paráfrase depende do componente semântico, ou seja, é posterior à construção do componente sintático, que engendra as frases.

produzidas como tendo o mesmo sentido para certos sujeitos serão percebidas e produzidas como tendo sentidos diferentes para outros sujeitos” (FUCHS, 1982, p. 50). Em muitos casos, não é claro se a palavra, sintagma ou sentença é ambígua ou não. A sentença *Ela tem boas pernas* pode significar que ela tem pernas sadias (sem varizes, ossos partidos ou mal encanados, mutiladas etc.), que tem pernas bonitas ou que tem pernas que funcionam muito bem para determinados fins (como a de um atleta, de uma bailarina) ou, ainda, se estamos nos referindo a uma égua, cujas pernas funcionam para corridas.

Enquanto fenômeno lingüístico, a paráfrase tem um caráter essencialmente ambíguo³: “ela tem um fundamento real na semelhança de significação das palavras ou de construções gramaticais, mas essas semelhanças nunca são completas; ao contrário, revelam-se precárias a uma análise mais acurada, como aquela que o semanticista tem a obrigação de fazer” (ILARI e GERALDI, 1985, p. 50).

Por outro lado, a abordagem da paráfrase como identidade semântica que se inscreve no próprio sistema da língua apresenta restrições lingüísticas uma vez que muitos estudiosos, entre os quais, Ducrot (1977), Lyons (1979), Fuchs (1982), Ilari e Geraldi (1985), Lopes (1995), consideram impossível a identidade absoluta de sentido, preferindo abandonar a idéia de paráfrase como identidade semântica para adotar uma definição em termos de equivalência semântica. Essa é a linha de pensamento que seguiremos na análise onomasiológica de alguns itens lexicais empíricos colhidos pelos pesquisadores do ALERS através do Questionário Semântico-Lexical. Nossa expectativa é que a variação lexical no espaço, uma das características das variedades dialetais, também represente uma variação de significado, mesmo que isso seja difícil de demonstrar com profundidade, uma vez que os contextos e as situações de uso não estão claramente definidos. Na verdade, o contexto está restrito à pergunta formulada pelos inquiridores, como, por exemplo, “Quando o rio sobe muito, algumas partes de terra ficam cobertas com água. Como chamam aqui estes lugares à margem de um rio ou arroio cobertos de águas por algum tempo”, que ensejou mais de quarenta respostas diferentes, entre as quais, *várzea (vargem, vargeado, vargado, varjaredo, vagido, varge alagada), alagado (alague, alagadiço, alaguado, alagadio, alagamento, alargado), banhado (banhadal), pântano, terra encharcada, tremedal* etc.

³ Maiores detalhamentos sobre ambigüidade e vagueza podem ser encontrados em Kempson (1980 [1977]) e Rossa (2001).

2 PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

2.1 Caracterização Geral

Os principais pressupostos teóricos nos quais este estudo se apóia são fornecidos por Fuchs (1982), Scheinowitz (1998), Ilari e Geraldini (1985), Lyons (1979) e Ilari (2001). Como já dissemos acima, do ponto de vista lingüístico, a paráfrase é um fenômeno que se fundamenta na semelhança de significação das palavras ou das construções sintáticas, mas essas semelhanças nunca são completas. As diferenças apagadas ou irrelevantes num contexto em que se instaura a relação de paráfrase podem, de certo modo, ser realçadas em outros contextos. Levando isso em conta, pode-se dizer que “duas sentenças são paráfrases uma da outra quando descrevem de maneiras equivalentes um mesmo acontecimento ou um mesmo estado de coisas” (ILARI, 2001, p. 140). A construção de paráfrases de sentenças realiza-se através de dois recursos: a) aplicação de transformações de caráter sintático (das quais a mais conhecida é a formação da voz passiva (e.g. *O aterro represa a água = A água é represada pelo aterro*) e de substituição lexical com base na equivalência de significado (e.g. *Entre uma morro e outro, há um vale = Entre um serro e outro, há uma canhada*).

De acordo com Ilari (2001), as paráfrases baseadas no léxico são construídas:

a) Recorrendo-se ao “predicado converso”, e. g., Esta menina é neta de seu Homero = Seu Homero é avô de esta menina (com substantivos); Os livros de José de Alencar são melhores do que os livros de Paulo Coelho = Os livros de Paulo Coelho são piores do que os livros de José de Alencar (com adjetivos, incluindo comparação de superioridade e de inferioridade); Meu sogro me emprestou o apartamento = Eu tomei emprestado o apartamento do meu sogro (com verbos, inclusive na voz passiva); A sala de reuniões fica depois do laboratório = fica antes da sala de reuniões (preposições)

b) Recorrendo-se a “predicados simétricos”, e.g., Maria é mãe de Simoni = Simoni é filha de Maria (com substantivos); Os meus filhos são tão inteligentes quanto os teus = Os teus filhos são tão inteligentes quanto os meus (com adjetivos, incluindo comparação de igualdade); José conversa com João = João conversa com José (com verbos, incluindo voz passiva); Minha casa fica perto da casa de minha irmã = A casa de minha irmã fica perto da minha casa (com preposições e locuções prepositivas).

c) Trocando expressões baseadas em diferentes verbos de suporte: Toninho tem barba = Toninho é barbudo; Minha avó tem idade avançada = Minha avó é velhinha (algumas vezes, as equivalências falham, pois Tu tens orelhas não é exatamente Tu és orelhudo, assim como Jacó tem muitos livros não significa que Jacó é um livreiro).

d) Expressando as mesmas relações através de palavras que pertencem a classes sintáticas diferentes: Antes do jogo, houve um tumulto na arquibancada = O jogo foi precedido por um tumulto na arquibancada (preposição x verbo); Por causa da chuva, o jogo atrasou = A chuva provocou o atraso do jogo (conjunção x verbo).

e) Recorrendo a termos sinônimos: O carro caiu na grota = O carro caiu no barranco = O carro caiu no buraco = O carro caiu na covanca.

Da mesma forma, há muitas operações sintáticas que se prestam para construir frases sinônimas, isto é, frases que “preservam o sentido” (paráfrases). Entre esses recursos, citam-se:

- a) formação da voz passiva: Ela abriu a porta = A porta foi aberta por ela;
- b) nominalização: O patrão determinou a retirada dos entulhos = O patrão determinou que os entulhos fossem retirados;
- c) substituição de uma forma verbal finita por uma forma verbal não finita: Pediram-me para falar baixo = Pediram-se para que falasse baixo;
- d) alçamento de certos verbos: Para chegar a tempo, é preciso que você saia de casa cedo = Para chegar a tempo, você precisa sair cedo;
- e) substituição de verbos por advérbios e vice-versa (parecer x aparentemente, poder x possivelmente, costumar x geralmente etc.): Parece que tu estás certo = Aparentemente tu estás certo.

Como fenômeno situacional, a paráfrase fundamenta-se na semelhança de sentido que advém do uso. Deste modo, as frases *Que belo dia!* e *O sol está brilhando* são paráfrases não porque as palavras significam a mesma coisa (sinonímia lexical) ou porque as construções sintáticas são semelhantes (sinonímia estrutural), mas porque, em certas circunstâncias, traduzem a mesma intenção e visam a obter o mesmo resultado, por exemplo, “as condições estão favoráveis para ir à praia”, “vai dar para começar a colheita”, “o tempo está bom para concretar a laje” etc.

De outra parte, diz-se que ocorre sinonímia lexical quando duas palavras têm identidade de significação relativamente ao contexto em que atuam. Trata-se de um “processo associativo que ocorre no paradigma e estabelece uma relação de conjunção entre os semas” (OLIVEIRA, 1999, p. 85), possibilitando a equivalência de sentido. Assim, para que sejam sinônimas, não basta que duas palavras tenham a mesma extensão, ou seja, denotem, por alusão a uma mesma propriedade. Por exemplo, em *As aves dormem no solais do morro* e *Plantou uma roça de cana na recosta do morro*, as palavras *solais* e *recosta* têm a mesma extensão, isto é, a referência é idêntica, mas os sentidos são diferentes. Entre outras possibilidades, *solais* remete à idéia de parte mais alta do morro, a primeira e a última banhada pelo sol, enquanto *recosta* refere-se mais precisamente a um dos lados do morro, sem trazer à tona o significado relativo a “banhado pelo sol”. Para que duas palavras sejam sinônimas, é preciso que tenham, em todos os empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase. Assim, a substituição de uma palavra pela outra não provoca alterações de sentido em *A “barragem” foi construída em 1940* e *A “represa” provoca danos ao meio ambiente*. Como se vê, as duas palavras podem ser intercambiadas nesses contextos sem que o sentido seja afetado, pelo menos de acordo com certa variedade dialetal. Mas a identidade de sentido é afetada em outros contextos, como em *Uma “represa” não se compara com um “barragem”, pois, para mim, “barragem” é uma quantidade de água muito maior do que uma simples “represa”*.

Fica claro então que a identidade de significação ou sinonímia depende do contexto⁴. Todavia, considerando que as palavras nunca ocorrem nos mesmos contextos, ou que “a significação da palavra é o conjunto de contextos em que pode ocorrer” (ILARI e GERALDI, 1985, p. 46), não há sinônimos. É que sinônimos sempre sofrem algum tipo de especialização, seja de sentido, seja de uso.

Fala-se de “sinonímia estrutural” quando se alega a identidade de significação entre frases (paráfrase). Todavia, os problemas de “sinonímia estrutural” são os

⁴ Para Ducrot (1977, p. 116), não existe enunciado que ocorra fora de um contexto, por mais reduzido que possa ser. Para ele, a descrição semântica de uma língua L é o conjunto de conhecimentos que permite prever, tendo sido pronunciado um enunciado A da língua L dentro das circunstâncias X, o sentido que a ocorrência de A tomou nesse contexto. Assim sendo, considera-se: a) o componente lingüístico, que atribui uma significação exclusivamente lingüística aos enunciados de uma língua L, previamente a qualquer significação extra que lhe possa ser acrescida pelo contexto (que engloba a situação); b) o componente retórico, ou seja, as circunstâncias da enunciação, que dão um sentido ao enunciado.

mesmos da “sinonímia lexical”, pois o uso de uma ou de outra palavra ou construção gramatical varia, assim como a escolha que os locutores fazem.

2.2 A impossibilidade de identificação semântica

Há duas principais abordagens lingüísticas da paráfrase: a corrente sintática e a corrente léxico-semântica. A primeira, representada essencialmente pelos transformacionistas⁵, considera a paráfrase como uma relação de identidade de sentido intuitivamente apreendido: “Uma seqüência é uma paráfrase de uma outra seqüência se elas significam a mesma coisa” (SMABY, *apud* FUCHS, 1982, p. 50). A noção desta identidade de sentido será mais ou menos restrita. Para alguns, o “sentido” comum das paráfrases será semelhante à “informação objetiva”, isto porque as transformações conservam inalterado aquilo que pode ser interpretado como conteúdo informacional. Para outros, será equivalente à referência.

Nessa perspectiva, as paráfrases seriam frases que têm “o mesmo sentido” (ou quase o mesmo sentido), assim como os sinônimos lexicais seriam as palavras que têm (de modo semelhante) “o mesmo sentido”. Essa noção intuitiva foi recusada pelos semanticistas gerativistas que se empenham em analisar as diferenças que separam frases derivadas a partir da estrutura profunda, como é o caso das ativas e passivas, para as quais é possível mostrar diferenças temáticas e de pressuposição.

Ao analisarmos, por exemplo, *João vendeu um carro para Maria* e *Maria comprou um carro vendido por João*, verificamos que a primeira é uma frase a respeito da venda de um carro feita por João a Maria, e a segunda é uma frase a respeito da compra realizada por Maria. Apesar de veicularem o mesmo “conteúdo cognitivo”⁶, as duas frases veiculam argumentos distintos. O mesmo

⁵ A gramática gerativa está fundamentada essencialmente sobre a noção de paráfrase; essa noção lhe serve, em particular, na crítica ao modelo sintagmático: uma gramática estrutural é incapaz de indicar a relação de paráfrase que existe entre *Pedro ama Maria* e *Maria é amada por Pedro*, e de excluir desta relação *Maria ama Pedro*; explicar as relações de paráfrase é um dos principais objetivos da gramática gerativa. Ao mesmo tempo, a gramática gerativa se coloca a tarefa de definir os diferentes tipos de relações de paráfrase que existem entre *O trânsito foi desviado pela polícia* e sua estrutura profunda (frase de base: *A polícia desviou o trânsito*) e entre *O trânsito foi desviado para uma estrada de terra* e sua estrutura profunda (*desviou-se o trânsito para uma estrada de terra*) e demonstrar em que diferem esses sistemas de paráfrases (cf. CHOMSKY, 1978 [1965]; KATZ e FODOR, 1963; LOPES, 1995; JACKENDOFF, 1972).

⁶ De acordo com Fuchs (1982, p. 51), a expressão foi usada por Chomsky para se referir à equivalência de sentido entre a ativa e a passiva.

ocorre em frases do tipo: *Meu filho é mais esperto do que eu* e *Eu sou menos esperto do que meu filho*. A primeira frase orienta o discurso no sentido da “esperteza do meu filho” enquanto a segunda frase orienta o discurso no sentido da “minha falta de esperteza”.

Esses exemplos demonstram a impossibilidade de estabelecer, na língua, uma total relação de identidade semântica (de sinonímia absoluta). Levando isso em conta, duas posições são possíveis: ou se abandona em definitivo a relação parafrástica na língua devido a diferenças semânticas, ou é preciso abandonar a idéia de identidade de sentido e passar a analisar a paráfrase em termos de aproximação de sentido, de equivalência semântica, ou melhor, de equivalência sintático-semântica. Como isso, juntamos nossa voz à voz daqueles que repelem a possibilidade de estabelecer a noção de “sinonímia lexical perfeita”⁷.

2.3 A equivalência semântica

Ao renunciar à idéia de caracterizar a paráfrase como uma relação de identidade semântica total (sinonímia absoluta), nós passamos a reconhecer a possibilidade de apreender uma relação de equivalência semântica. Entre duas frases declaradas parafrásticas, todo o trabalho do lingüista consiste em estabelecer a natureza dos semantemas comuns e dos semantemas diferenciais, e, assim, estabelecer o grau de equivalência de significado entre as frases.

Da mesma forma, a sinonímia é um fenômeno gradual, uma vez que os contextos são mais ou menos exigentes quanto ao princípio de “que duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de verdadeira a falsa, ou vice-versa” (ILARI e GERALDI, 1985, p. 44). Esse princípio deriva do entendimento de que se duas frases têm o mesmo sentido, quando referidas ao mesmo conjunto de fatos, têm de ser ambas verdadeiras, ou ambas falsas. Assim, percebemos intuitivamente que *brisa*, *vento fresco* e *vento fraco*, por exemplo, alternam-se nas frases a seguir, e em inúmeras outras frases que se poderiam relacionar, sem que o sentido verdadeiro ou falso se alterne: *Gostoso mesmo é sentir o(a)... que vem do mar*, *De acordo com a previsão de tempo, no final da tarde de hoje, soprará um(a)...*; *Eu prefiro um(a)... ao vento minuano*.

⁷ Se, como sugeriram vários autores, a significação de uma palavra é o conjunto de contextos lingüísticos em que uma palavra pode ocorrer, então é impossível encontrar “dois sinônimos perfeitos” (cf. ILARI e GERALDI, 1985, p. 46).

No entanto, o princípio da substituição para testar a sinonímia através de critérios de verdade ou de falsidade das frases falha sempre que, por exemplo, se fizer alusão à forma das palavras, ou se atribuírem crenças e conhecimentos a alguém, ou se remeter direta e indiretamente ao discurso (cf. ILARI e GERALDI, 1985, p. 45), como em: *Aqui não conhecemos brisa, só vento fraco; Brisa é uma palavra derivada do francês; Nesta manhã sopra um vento fraco, mas gelado* (supondo, neste caso, que o locutor considere *vento fraco* = *vento fresco*).

As observações acima mostram que não é possível pensar a sinonímia fora do contexto. Para caracterizar as diferenças semânticas que podem existir entre paráfrases, é comum recorrer-se à substituição uma vez que, em certos contextos mais exigentes, a substituição será impossível, ou a expressão não manterá o mesmo sentido.

A concepção de paráfrase como uma relação de equivalência semântica na língua baseia-se na existência de uma noção comum, uma espécie de “significado de base”, e as diferenças entre as frases parafrásticas apóiam-se em “significados secundários”, não pertinentes ao estabelecimento da relação de paráfrase. Considerando as frases (1) *Todos dizem que os procuradores lutam contra a corrupção*; (2) *Todos sabem que os procuradores lutam contra a corrupção*; (3) *Todos conhecem a luta dos procuradores contra a corrupção*; (4) *É conhecida de todos a luta dos procuradores contra a corrupção*; (5) *E sabido por todos que os procuradores lutam contra a corrupção*; (6) *Todos sabem que continua a luta dos procuradores contra a corrupção*; (7) *Não há quem diga que os procuradores não lutam contra a corrupção*, observa-se que as frases de (1) a (7) têm a mesma “estrutura léxico-semântica”, as frases de (1) a (6) têm a mesma “estrutura léxico-sintática” e as frases (1) e (2) têm a mesma “caracterização léxico-gramatical”. Elas diferenciam-se nos níveis morfológicos, fonéticos ou gráficos (cf. FUCHS, 1982, p. 55).

A idéia de caracterizar a paráfrase em termos de equivalência semântica (núcleo comum + diferenças secundárias) também é válida para a sinonímia lexical: as palavras sinônimas têm um “sentido geral” (idéia principal) e diferenciam-se em nível dos “sentidos acessórios” (idéias secundárias). O fenômeno da sinonímia corresponde à possibilidade de pontos de vista diferentes sobre a mesma realidade.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir analisaremos as respostas a cinco perguntas do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002), buscando evidenciar as causas da variação lexical. Como ponto de partida, as diferentes respostas à mesma pergunta devem ser tomadas como sinônimos, pelo menos de acordo com o princípio da equivalência semântica. No entanto, considerando que a escolha de uma ou de outra forma “que têm sentido equivalente” não é totalmente indiferente, faremos um estudo contrastivo, visando a detectar possíveis diferenças de sentido, seja no espaço dialetal recoberto pelo ALERS, seja no contexto da própria pergunta. Limitaremos nossa análise aos itens lexicais mais recorrentes.

3.1 Encosta

Pergunta n. 06 – Como se chama aqui o lado de um morro?

Respostas: ladeira/ladeirão – 45;⁸ encosta (do morro) – 18, recosta (do morro/serro) – 16, costa (do morro/serro) – 13, costeira/costado(a)/costão – 04; subida (do morro/serro) – 15, subida e descida – 04, descida – 02; lado (do morro/serro) – 15; solais (do morro) – 12; prancha/pranchão – 10; fase – 07; beirada (alta)/beira – 05; lateral (do monte) – 04; caída – 03; parede/paredão – 03; lombá – 03; fralda (da serra/do serro) – 03; pé de morro – 02; canhada – 02; baixada – 02. Com 01 resposta: chão caído, serra, perambeira, parado, rincão, volta em roda do morro, levante do sol, perau, lançante, frente do morro, despraiado, chapada, barranca. Respostas prejudicadas: 108.

Os itens lexicais ladeira e a variante ladeirão, com 45 ocorrências, juntamente com encosta e as variantes recosta, costa, costeira, costado, costão, com 51 ocorrências, foram predominantes no sul do Brasil para designar o lado de um morro. A palavra ladeira, derivada de lado+eira, significa “inclinação mais ou menos acentuada de terreno”, mas também “rua mais ou menos íngreme”. Já a palavra encosta está dicionarizada por Ferreira (1975, p. 521)

⁸ À direita de cada resposta, está indicado o número de ocorrências dessa resposta num universo de 275 informantes do ALERS, sendo 95 no Rio Grande do Sul, 80 em Santa Catarina e 100 no Paraná.

como variante de vertente (“declive de montanha por onde escorrem as águas pluviais”). No mesmo dicionário (p. 1199), há uma indicação de que recosta é um “s. f. usado no Rio Grande do Sul”.

Ora, apesar de essas palavras, juntamente com todas as outras, registradas como respostas à mesma pergunta, referirem a uma “unidade arquetipa” de significado, isso não significa que, se a pergunta fosse outra, ou seja, se o contexto fosse outro, os informantes produziram as mesmas respostas. Há um conceito básico, mas “cada palavra-entrada” tem sua própria acepção, “desde os empregos metafóricos e metonímicos, até aqueles caracterizados pela independência semântica, passando pelos casos de permanência da substância semântica conjugada a uma modificação na categoria gramatical” (SCHEINOWITZ, 1988, p. 99). Os problemas de descrição, nesta etapa, são os relativos à monossímia, polissemia e homonímia. Deste modo, parece claro que ladeira e recosta se equivalem semanticamente, mas cada uma dessas palavras tem usos específicos, não só lingüísticos, mas também pragmáticos e dialetais.

Chama a atenção a ocorrência de solais, que Aurélio registra como sendo “a parte da pedra que, no alto do morro ou da serra, principia a inclinar-se para o declive”. Nada mais é explicitado. Admite-se como plausível a hipótese de que solais derive de solares > solaes > solais. Assim sendo, o adjetivo solares (de sol), ou seja, solares (adjetivo) > solais (substantivo).

3.2 Vale

Pergunta n. 08 – O que fica entre dois morros?

Respostas: a) canhada(o) – 55 e canhadão(ona) – 06; b) baixada – 43, baixo (terra baixa) – 02, baixadão – 01; várzea/vargem – 18, varjão/vargezinha – 02; grota – 20; vale – 14; valo(a) – 08, valetão – 02, valão – 01; valada – 01, terra de valo – 01; bacia – 08; entremeio (os morros) – 02, meio do morro – 01, entre morros – 01, sentado entre dois morros – 01; córrego – 04; planície – 04; covoado/covanca – 03; ilha – 02; sanga (seca) – 02; buraco – 02; quebrada – 02; chato – 02. Além dessas, registrou-se 01 ocorrência para: terra emburacada, corredor, fundo, cocheira, gamela, intervalo, parêlo, canalização (da coxilha), chapada, barroca, garganta, furna, lançante, banhado, lagoão, boqueirão, vão, caída. Ficam prejudicadas por diferentes motivos, apesar da aparente clareza da pergunta, 49 respostas.

O item lexical canhada e suas variantes canhado, canhadão, canhadona, que ocorreu mais vezes, é derivado do espanhol cañada. De acordo com Dicionário Aurélio, significa “Baixada entre colinas ou coxilhas; vala profunda aberta por chuvas fortes em ladeiras muito íngremes”. Embora o ALERS ainda não tenha disponibilizado o mapa referente ao item lexical vale e suas variantes, fica claro que, pelo menos no sul do Brasil, predomina canhada para designar a noção semântica proposta pela pergunta “O que fica entre dois morros”, principalmente ao longo das fronteiras com os países vizinhos, caracterizando como traço regional.

Em segundo lugar, quanto ao número de ocorrências registrou-se a forma baixada, que o dicionário Aurélio (1975) usou para definir canhada. Todavia, essa equivalência semântica, que se sustenta numa noção comum de traços sêmicos, apresenta diferenças dialetais e lingüísticas. É certo, por exemplo, que na faixa litorânea o termo canhada é pouco conhecido e, conseqüentemente, pouco empregado, mesmo porque a topografia, nessas regiões, é escassa dessas depressões. Quanto ao significado lingüístico propriamente dito, baixada não é necessariamente um vale profundo. Pode ser um terreno, mais ou menos extenso, de terras planas que, relativamente a outros terrenos, fique em nível inferior. Veja-se, por exemplo, que canhada está mais para grotta (com 20 ocorrências) e baixada está mais para várzea (vargem, varjão, vargezinha) (também com 20 ocorrências). Neste sentido, poderíamos dizer que baixada inclui o significado de canhada, ou seja, entre uma palavras e outra, há uma relação de hiponímia, de acordo com a seguinte fórmula: o feixe de traços \underline{x} inclui logicamente o feixe de traços \underline{y} uma vez que todos os traços de \underline{y} são encontrados em \underline{x} . Mesmo assim, como vimos alhures, haverá certos empregos em que essa fórmula não se aplica, e. g. canhada deriva do espanhol cañada.

Outro fato relevante é que a palavra “arquetípa” vale, pelo menos para quem elaborou o questionário, ocorreu somente 27 vezes (incluindo variantes valo, vala, valetão, valão, valada, terra de valo), evidenciando que ela não faz parte do uso dos falantes rurais⁹, na região.

3.3 Alagadiço

Pergunta n. 09 – Quando o rio sobe muito, algumas partes de terra ficam cobertas com água. Como chamam aqui estes lugares à margem de um rio ou arroio cobertos de águas por algum tempo?

⁹ Os informantes do ALERS são pessoas do meio rural.

Respostas: várzea/vargem (do rio/arroio) – 55, vargeado/vargedo/varjaredo – 08, vagido – 01, varge alagada (com água) – 01; (terreno/lugar) alagado – 15; alaga/alague – 03, alagadiço – 03, alaguado – 01, alagadio – 01, alagamento – 01, alargado – 01; (terra de) banhado – 18, banhadal – 01; ilha – 07; terra baixa – 05, baixada/baixo – 02; brejo – 06; lagoa – 06; (terra) inundada – 03. Com 02 respostas: pântano, terra encharcada, enchente, praia, poço/água empoçada, lama, sanga, tapado de água/com água. Com 01 resposta: pantanosa, terra prejudicada pela água, bacia, charco, terra de desmonte, beirada, terra úmida, enxurradão, represo, aguada, terra lavada, beira rio, costa de rio, terra que enche, tremedal. Respostas prejudicadas: 104.

Neste caso, a forma predominante foi várzea (vargem, vargeado, vargedo, varjaredo), com 66 registros: “Planície fértil e cultivada, em um vale; veiga. Terra chã.” (FERREIRA, 1975, p. 1443). Como se observa, o sentido descrito não remete a áreas que, eventualmente, são cobertas pelas águas de rios, riachos e arroios que transbordam, nas enchentes. Em segundo lugar, verificou-se terreno/lugar alagado (terra/parte alagada), com 43 ocorrências. Os dicionários de sinônimos se apóiam em uma interpretação lexicológica tradicional, apresentando uma lista de palavras que substituiriam umas às outras, em certos contextos, ou seja, levam a efeito a idéia de que sinônimos são permutáveis e que, portanto, têm a mesma leitura. No entanto, terreno alagado não é necessariamente um terreno de várzea, e este não é necessariamente um terreno alagadiço (ou alagado), como, aliás, define Ferreira (1975, p. 59). Neste caso, a sinonímia não pode ser definida nem como uma relação lógica de inclusão, nem como uma relação lógica de implicação.¹⁰

Considerando que há diferenças topográficas bastante acentuadas de uma região para a outra (e.g. a região da campanha, no sul e sudeste do RS e aparados da serra, no norte do RS e serra geral em SC; grandes planícies, com pequenas ondulações no leste do PR etc.), é natural que os moradores de cada região tenham uma visão peculiar dos acidentes topográficos. Neste sentido, não é de estranhar, por exemplo, que um gaúcho de Uruguaiana se refira a “serra” para uma pequena elevação que, em outros lugares, não passa de uma “colina”.

¹⁰ A implicação postula que a asserção x implica a asserção y , se a verdade de x garante a verdade de y . Uma proposição implica logicamente outras, se da verdade da mesma podemos inferir a verdade dessa última, e isso é autorizado em virtude da estrutura lógica dessas duas proposições: *Todo genebrino é calvinista* implica logicamente *Todo genebrino é calvinista e não católico* (cf. ILARI e GERALDI, 1985, p. 75-77).

O mesmo se pode dizer a respeito de terreno alagadiço. Se não há rio (arroio, riacho) margeado por terras baixas e planas, não se pode esperar que o morador desse lugar tenha essa noção, conforme o contexto que foi oferecido. Talvez por isso tenha havido número tão grande de respostas prejudicadas.

3.4 Barragem (muro)

Pergunta n. 22 – Como se chama o muro que se constrói para segurar a água?

Respostas: taipa (de pedra) – 64; barragem – 50; aterro – 31; represa (d'água) – 24; muro (de barragem – 18, muro de arrimo – 03, muro de cimento – 01; paredão/parede – 17; açude – 11; tapume – 05, tapum – 03; barreira/barreirão – 05; barranco – 02. Com uma resposta: travesseiro, cerca, ladrão, murundum, piso, agem, parapeito, proteção, terraço de terra, ponte, muralhão, ataque. Respostas prejudicadas: 28.

Ao responder a pergunta 22, os informantes usaram predominantemente quatro palavras: taipa, barragem, aterro, represa. Mais uma vez, é possível observar que, se em certos contextos essas palavras substituem umas às outras, isso não é possível em todos os contextos. A forma taipa, que foi registrada em 64 respostas, é descrita por Ferreira (1975, p. 1348) como “Parede feita de barro ou de cal e areia com enxaimés e fasquias de madeira; tabique, estuque, taipal, pau-a-pique”. Como se observa, não se menciona barragem, aterro ou represa. Assim sendo, pode-se dizer que designar o “muro que represa um rio, um arroio, um riacho” de taipa constitui um fenômeno polissêmico, pois ao termo taipa foi adicionada nova acepção de sentido. A polissemia, que é uma das características de todas as línguas naturais, existe em virtude da existência de um núcleo sêmico comum às unidades polissêmicas, ou seja, de uma invariante que se atualiza nos valores de uso. Na concepção polissêmica, a entrada é o verbete definido por um conjunto de paráfrases, cujos traços comuns se explicam diacronicamente e logicamente. Isto significa que as palavras, salvo raras exceções, são ambíguas quando empregadas fora de um contexto (lingüístico, pragmático e situacional).¹¹

¹¹ “The central question is what aspects of word meaning are predefined and invariant across multiple contexts versus what other aspects are indeterminate and only realized in context” [A principal questão é que aspectos do significado da palavra são pré-definidos e invariáveis em múltiplos contextos e que outros aspectos são indeterminados e somente realizados no contexto] (RAVIN e LEACOCK, 2000, p. 5).

3.5 Brisa

Pergunta n. 44 – Como se chama o vento brando e fresco que sopra à tarde?

Respostas: ventinho fresco – 12, vento fresco – 11, vento fresquinho – 05, vento frio – 05, vento calmo – 07, vento leve (manso/moderado / suave) – 06, vento fraco – 04, ventinho fraco – 05, ventinho (leve) – 04, ventinho calmo – 02, vento agradável (bom/gostoso) – 06; ar fresco (fresquinho/bom/puro/pacífico/da tarde/livre) – 16, arzinho (fresco/ agradável/ fraco) – 05; brisa (fria/mansa/da noite) – 21; nordeste/nordestinho – 04; vento (leste/sul/norte/sueste) – 10; vento (lento) do mar – 11; arage (fresca) – 08, aragezinha/araginha (boa) – 05; refrescou (o clima) – 04; viração – 04; mudou (o ar/a temperatura) – 02; mudança (de clima/de vento) – 02; minuano – 03; nascente – 02. Com 01 resposta: amarelinho, área, vento parado, calma, arazinho, vento de verão, tempo bom, vento saudável, vento da costa, vento da lagoa. Respostas prejudicadas: 101.

A forma esperada era brisa, mas ela só foi registrada em 21 localidades, sendo também a forma mais freqüente. Mais freqüente não significa muito freqüente, pois apenas 7,5% dos informantes usaram esse item lexical. Abaixo de brisa, as designações mais freqüentes, apresentam um qualificativo agregado ao substantivo. Assim, vento/ventinho (fresco/do mar/fraco/calmo). Também ar (fresco/fresquinho/puro/pacífico). Ou seja, na falta de uma forma simples, de uma forma isolada, para responder ao que estava sendo perguntado, o informante buscou, através do adjetivo ou locução adjetiva, cobrir o campo semântico perguntado.

De certo modo, o uso de diferentes palavras, especialmente de perífrases, é motivado pelo caráter de vagueza¹² apresentado pelos adjetivos “brando” e “fraco”, ou seja, o contexto permitia a aplicação de interpretações que não são exatamente as mesmas.

Mas o que mais chama a atenção nesta com relação a essa pergunta é o alto índice de informantes que não conhecem a forma lexical designativa de “vento brando e fresco que sopra à tarde”. Essa informação, acrescida da grande quantidade de perífrases nominais, é relevante para os objetivos do presente

¹² “A *vagueza* é um dos tipos de indeterminação semântica, e ocorre quando não se pode determinar (em função do próprio conteúdo semântico) se uma determinada palavra se aplica ou não a determinados objetos, gerando proposições indefinidas quanto ao valor de verdade. Por exemplo, ‘Bill Clinton é gordo’ pode ser verdadeira ou falsa, dependendo da definição de ‘gordo’” (MOURA, 1999, p. 58).

estudo, pois permite levantar a hipótese de que, no sul do Brasil, o galicismo brisa (fr. *brise*) não é de domínio do falante comum, ressalvadas as exceções, como bem demonstra o quadro de respostas.

A perífrase vento do mar, por exemplo, ocorre só no litoral e regiões adjacentes, como era de se esperar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, adotamos a abordagem da sinonímia e da paráfrase em termos de equivalência semântica. Com base nesse conceito, propusemo-nos a analisar, de acordo com a perspectiva onomasiológica, alguns itens lexicais empíricos colhidos pelos pesquisadores do ALERS através do Questionário Semântico-Lexical. Também consideramos o pressuposto de que paráfrase como equivalência semântica constitui uma contradição uma vez que nem sempre há consenso entre os interlocutores sobre o que é “mesmo” sentido e “outro” sentido, em função do contexto e da situação. Isso foi amplamente demonstrado pelas respostas dadas pelos informantes do ALERS em relação às cinco perguntas escolhidas para análise. Todavia, considerando que o contexto estava limitado à pergunta, é possível levantar a hipótese de que algumas respostas correspondam ao uso regional, isto é, ao contexto diatópico. Essa hipótese, que se delineia na palavras canhada, grotá, covanca lançante, taipa, murundum, parelho, solais, recosta, prancha, perau, entre outros itens lexicais, poderá ser melhor atestada com a conclusão das cartas lingüísticas do ALERS, cujos dois primeiros volumes foram publicados em 2002 e o terceiro volume, sobre “cartas semântico-lexicais”, está no prelo. Mesmo assim, os exemplos demonstram a impossibilidade de estabelecer, na língua, uma total relação de identidade semântica (de sinonímia absoluta), uma vez que o caráter permutável (reciprocamente substituível) no(s) mesmo(s) contexto(s) revela-se um critério insuficiente, não dando conta das escolhas que fazemos, seja por razões lingüísticas, seja por razões dialetais, pragmáticas e situacionais.

Como previmos no início do trabalho, a análise que fizemos restringiu-se a breves comentários de base onomasiológica, visando sobretudo a demonstrar que não é possível pensar a sinonímia fora do contexto em que as palavras são

empregadas, que a sinonímia é um fenômeno gradual e que a escolha de uma ou de outra estrutura parafrástica nunca é aleatória. Por outro lado, realçamos o caráter ambíguo da paráfrase, visto que ela poderá ora representar um esclarecimento exato e pontual do sentido, ora ser encarada como uma distorção.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V, KLASSMANN, Mário Silfredo, KOCH, Walter (Orgs). **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS** – v. 1: Introdução; v. 2: Cartas fonéticas e cartas morfossintáticas; v. 3: Cartas semântico-lexicais (no prelo). Porto Alegre, Ed. da UFRGS; Florianópolis, Ed. da UFSC; Curitiba, Ed. da UFPR, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1978 [1965].

DUBOIS, et *al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUCROT, Oswald. **Dizer e não dizer: princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

FERREIRA, A. Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FUCHS, Catherine. **La paraphrase**. Paris: Press Universitaires de France, 1982.

ILARI, R., GERALDI, W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica – brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1972.

KATZ, Jerrod J., FODOR, Jerry A. The structure of a semantic theory. In: **Language**, v. 39, n. 2, abril-junho, 1963, p. 170-210.

KEMPSON, Ruth M. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980 [1977].

LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYONS, J. **Linguagem e lingüística**: uma introdução. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Significação e contexto**: uma introdução a questões semânticas e de pragmática. Florianópolis: Insular, 1999.

OLIVEIRA, Avani de. **Polissemia e campos semânticos**. Florianópolis: 1999 (mimeo).

RAVIN, Yael, LEACOCK, Claudia. Polisemy: an overview. In: RAVIN, Yael, LEACOCK (eds.) **Polysemy**: theoretical and computational approaches. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ROSSA, Leticia Pires. **Indeterminação semântica**: ambigüidade, vagueza e polissemia na teoria da relevância. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: UFSC, 2001.

SCHEINOWITZ, Celina. **Um enfoque onomasiológico**: a sinonímia na análise contrastiva. Porto Alegre: PUC-RS, v. 23 (3), 1988, p. 99-110.

Recebido em 10/03/03. Aprovado em 25/04/03

TITLE: Synonymy and paraphrase: some considerations

AUTHOR: Felício Wessling Margotti

ABSTRACT:

This text is a contribution to the study of synonymy and paraphrase, from an onomasiologic point of view. If, on the one hand, the idea of characterizing paraphrase as a relation of semantic identity (absolute synonymy) is rejected, on the other, the possibility of the perception of semantic equivalence is recognized. Based on empirical data obtained from the “Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)” (Linguistic-Ethnographic Atlas of the South Brazil Region), it is demonstrated that it is not possible to consider synonymy outside the context in

which the words are used, that synonymy is gradual and that the choice of one or another paraphrastic structure is never random.

KEYWORDS: Synonymy, paraphrase, meaning, semantics.

TITRE: Synonymie et Paraphrase: quelques considérations issues des données de l' Atlas Linguistique et Ethnographique de la Région Sud – ALERS

AUTEUR: Felício Wessling Margotti

RÉSUMÉ:

Dans ce texte, nous procédons à la présentation de quelques apports destinés aux études en synonymie et en paraphrase, à partir d'un point de vue onomasiologique. Si, d'une part, nous n'avons pas voulu caractériser la paraphrase en tant que rapport d'identité sémantique (synonymie absolue), d'autre part nous avons envisagé la possibilité d'appréhension de l'équivalence sémantique. Ayant comme support des données empiriques fournies par l' "Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)" [Atlas Linguistique et Éthnographique de la Région Sud du Brésil], nous avons démontré, premièrement, que ce n'est pas possible de réfléchir sur la synonymie hors du contexte dans lequel les paroles sont employées, et ensuite, nous avons aussi établi que la synonymie est graduelle et que le choix entre deux structures paraphrastiques n'est pas aléatoire.

MOTS-CLÉS: Synonymie, paraphrase, signification, sémantique.

TÍTULO: Sinonimia y paráfrasis: algunas consideraciones

AUTOR: Felício Wessling Margotti

RESUMEN:

Presentamos, en este texto, algunas contribuciones para el estudio de la sinonimia y de la paráfrasis, desde un punto de vista onomasiológico. Si, por un lado, renunciamos a la idea de caracterizar la paráfrasis como una relación de identidad semántica (sinonimia absoluta), por el otro, reconocemos la posibilidad de comprensión de la equivalencia semántica. Con base en datos empíricos del Atlas Lingüístico-Etnográfico de la Región Sur do Brasil (ALERS), demostramos

que es posible pensar la sinonimia fuera del contexto en que las palabras son empleadas, que la sinonimia es gradual y que la elección de una o de otra estructura parafrásica nunca es al acaso.

PALABRAS-CLAVE: Sinonimia, paráfrasis, significación, semántica.